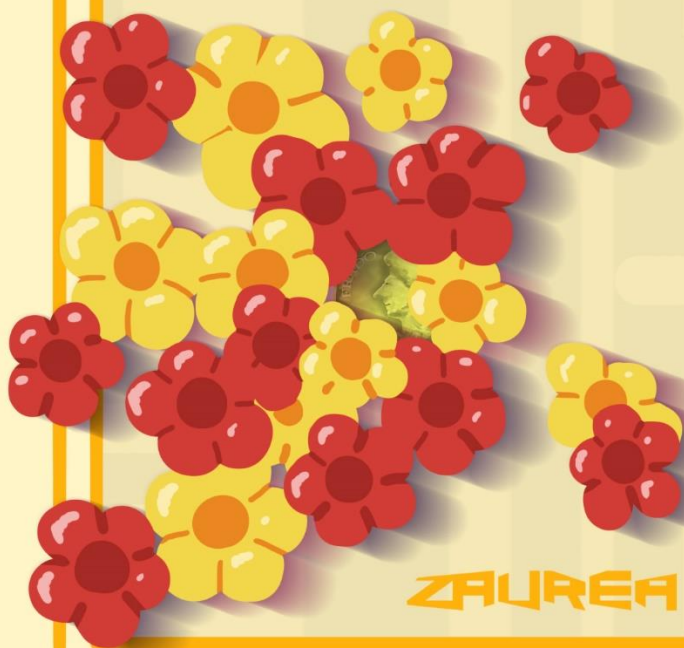


L.COCUZZI



GUERREIRO
sem ExPRESSÃO^w
1º Vol.



ZAUREA

GUERREIRO
SEM EXPRESSÃO

L.COCUZZI

Para crianças com contas a pagar

Ato 1

Dia 52, inverno de 192.

O Rio Lino está congelado.

A neve rosa cai sobre a pequena Wella, uma humilde e alegre vila ao leste da Torre 5. Os nativos predominantes por Namhuns andam pelas ruas bem agasalhados e acompanhados por Brutus, também conhecidos como cavalos de Éden. Apesar do frio, os narizes azuis dos Namhuns revelam suas origens e intimidade com baixas temperaturas, o que justifica a falta de procrastinação dos moradores quanto a seus serviços.

Todos os habitantes dessa pequena vila tem na bochecha a marca "W", feito com tinta verde de Orotum, uma semente típica de Wella. A vila também é muito conhecida pela produção de tecidos, sendo bem localizada no Vale das Trincheiras, o que já foi responsável pela maior lavoura de algodão de Éden.

Com o acionar da campainha, é dada a largada. Quatro crianças correm pelas ruas de Wella, suas roupas coloridas combinam com a arquitetura vívida e diversificada dos pequenos estabelecimentos e moradas, sendo apenas uma delas a usar de vestes simples e opaca, seu nome é Flô de Quitéria, a menor do grupo, tendo dez anos e a única humana de toda vila, seus cabelos cacheados e castanhados chegam aos pés, o que dificulta na corrida.

Durante a correria da menina, está ocorrendo uma transmissão na rádio:

“Bom dia, queridos ouvintes camaronenses! Aqui é Edson, apresentador da AMP, a sua rádio favorita!

E olha, a situação climática não está nada fácil. Tivemos uma queda drástica na temperatura, e isso se tornou crítico em toda T5, especialmente com a presença do misterioso vírus Hylésia que já causou mais de duzentas fatalidades.

A UCT, União das Cinco Torres, faz um alerta importante: fiquem em casa e se cuidem! Vamos juntos enfrentar esse desafio! Fiquem ligados, porque ainda temos muito mais informações para vocês!”

2

Uma cabaninha vermelha, erguida por tábuas de madeira e arribada sobre a trincheira íngreme, uma trilha pouco usada aos arredores de Wella, mas suficientemente movimentada a ponto dos jovens recorrentemente encontrar de seu lar desmanchado pelos adultos, mas, dessa vez a cabininha jazia ali, uma grande surpresa a Flô.

A neve rosa não alcança a menina. O surpreendente interior da cabaninha há uma excessiva quantidade de panos quadriculados e padronizados pelas mais diversas cores, que aquece qualquer um que esteja lá dentro, um ambiente agradável e carregado por um sentimento inocente e nostálgico, que dá espaço a uma complexa convenção.

Todos gargalham com o feito de Thigo, que simula som de flatulências com a axila, mas, Pedro Golçalves, o maior do grupo e de uma feição metida, interrompe a todos e anuncia:

— Péra, péra! Eu sei fazer muito melhor!

— Ninguém que ver você peidar de verdade. — Afirma a pequena Flô, enquanto gargalha.

— NÃO! Eu vou mostrar que eu sei fazer não com o braço, mas com a perna!

Pedro Golçalves quer ser sempre a estrela do grupo, talvez isso seja o reflexo de sua família. A família Golçalves, além de rica é muito famosa por Wella, sendo responsável pela exportação de tecido por toda T5 e T4.

— Eu duvido demais. — Diz Thigo.

— Calado Seu Coxinha!

Thigo também conhecido como Seu Coxinha, devido ao seu peso aparente, é o braço direito de Golçalves. Vive gargalhando para todo lado, mesmo que inconvenientemente.

— Eu quero ver então. — Diz Flô.

— Preparem-se!

Pedro Golçalves abaixa seu meio que o protege do frio, a fim de trazer a grande revelação. Com sua mão ele segura sua poplítea, um local semelhante às axilas, no entanto, localizada logo atrás de seu joelho, criando assim um vácuo, que quando pressionado com o dobrar de perna, é dada a tão aguardada revelação. Golçalves produz com excelência o som que deixa todos fascinados, a cabininha é novamente preenchida por gargalhadas genuínas.

— Me ensina! Por favor! — Clama Flô.

— Impossível você é muito nova, precisaria de muitos anos pra fazer o que eu faço.

Pedro Golçalves tem 11 anos.

— Eu queria ser adulta! — Exclama Flô.

— Me... me... meu avô diz que não... não... não é fácil ser adulto.
— Responde Soarez.

— Cala boca Disco Maubenzido! Adulto que é bom, você pode fazer o que quiser! Eu mesmo vou ser um grande aventureiro quando crescer, pra sair dessa baraca veia de vila e conhecer toda Terrestriun!

Soarez, vulgo Disco Maubenzido, é gago, costuma ler muito, sendo o mais bem educado e o único responsável do grupo, mas pouco ouvido.

— Eu quero ser um grande vendedor que nem meu pai! —
Afirma Thigo.

— Grande você já é Seu Coxinha, já vendedor eu não sei não. —
Pedro gargalha como de praxe.

Antes mesmo de Thigo ter uma reação, Flô expõe seu sonho:

— Eu também tenho um sonho! Eu vô ser muito rica!!!

— HUAHUAHUA... — Pedro gargalha como nunca.

Thigo acompanha a risada de Pedro, mas a real que o Seu Coxinha nem ao menos ouviu o que Flô disse.

— Estao rindo du que?!

— Sabe o que você vai ser? — Questiona Pedro a Flô. — Tu vai entregar folhetinho na rua, isso sim! — Volta a gargalhar.

— Não vô não!

— Vai sim!

— NÃO!

— SIM!

— NÃO!

— SIM!

Enquanto isso, Thigo gargalha sem parar e Soares procura apaziguar o grupo descontrolado:

— Ma... ma... mas entregar fo... fo... folhetinho nã... nã... não é vergonha, ma... mas sim um trabalho digno. — Diz Soares já arrependido.

A cabaninha fica em completo silêncio, todos encaram Soares que fica sem graça, até Pedro soltar um fatídico comentário:

— Cala boca Maubenzido!!!

Flô então pergunta amigavelmente a Soares qual seria o seu sonho, a resposta surpreende a todos:

— Me... me... meu sonho... — Soares olha para seu livro em mãos, a capa marrom com cantoneiras douradas, tem em seu centro um desenho do corvo dourado. — Me... meu sonho é ser fo... fo... forte como um Guerreiro de Éden!

Todos gargalham mais uma vez, incluindo Flô que nem ao menos sabe o que significa.

— Meu pai disse que eles não existem há muito tempo! — Afirma Thigo.

— Po... po... pois é Thigo, eles simplesmente sumiram.

— Certeza que morreram tudinho. — Afirma Pedro. — Meu pai já disse que eles eram tudo uns bunda mole.

— Os Guerreiros nã... nã... não eram bunda moles, eles eram incríveis, eles nã... nã... não tinham medo de nada ne... ne... nem mesmo de um Abissal.

Flô fica intrigada e questiona:

— Abissal?

Soares solta um pequeno sorriso enquanto limpa a garganta antes de falar:

— Há noventa e dois anos, o mundo passava por um confronto entre raças na procura pela tão desejada terra prometida. Éden era enfim, descoberta. Motivo de festança e alegria, era o que parecia, mas, então, encontramos eles. Habitando nas cinco grandes torres de Éden, cinco criaturas, os Abissais, também conhecidos como as Feras Pestilentes de tamanho poder que fazia de um exército de homens em meras formigas. Muitos desistiram e aquele sonho de conquistar terras férteis e ricas, ficou distante, quase impossível. Digo, quase, porque nem todos se deixaram abalar, aqueles que carregavam o brasão do corvo dourado, eles eram diferentes e não tinham medo de enfrentar as feras, eles tinham o que era suficiente, a coragem e vontade, mesmo pequenos perante ao desafio, nada os derrubariam, nenhuma enfermidade os contaminariam e a morte não os levariam enquanto seu dever não fosse cumprido. Eles eram chamados, Guerreiros de Éden.

— Irro que fala tu. — Diz Pedro.

Soarez não entende o que Pedro quis dizer então questiona:

— O que?

Pedro solta mais um pum com a perna, debochando o discurso feito, o que não demora a contagiar novamente a todos, com exceção a Soarez, que fica novamente constrangido.

— Meu pai disse que o coração de um bixo desses vale mais que qualquer pedra preciosa. — Diz Thigo.

— O maior já extraído tinha um metro, duro que nem uma rocha, mas quando aberto revelado a matéria mais valiosa do mundo, Geleia la Behemoth. Poucos tiveram o privilégio de degustá-la, mas aqueles que o fizeram afirmam que a experiência é incomensurável. Dizem que quem a consome compreende o verdadeiro sentido da existência e se conecta com os deuses. Contudo, confesso que isso me parece um exagero, além de que essa geleia muito provavelmente já não existe mais.

— Que pena eu adoraria provar. — Afirma Thigo, lambendo os beijos.

— Quem diria! Só falar em geleia o gordo já se entrega. — Responde Pedro.

— Vai se ferrar!

Flô encara Soares com uma certa supresa, talvez pela sua dicção excelente ou talvez, saudades. Não era bem assim, mas era como ela o via, ela o admirava. Porém, algo ainda a intriga:

— E o monstro seis? São seis torres né?

Todos param e olham para a garota a deixando sem graça.

— Ehh, você disse que havia um desses bixos em cada torre não é? Mas são seis.

O clima está esquisito.

Soarez olha bem no fundo dos olhos de Flô e responde:

— E precisa ser morto.

Mas o que está acontecendo? Pensa a garotinha assustada, mas antes que pudesse compreender a realidade, é puxada para dentro dos panos quadriculados por uma força descomunal. Flô está afundando em um mar de flores, Alamanda. Pobre garota, que bate os braços desesperada, mesmo não sabendo nadar, ela tenta com toda sua vontade voltar lá para cima, tenta retornar para sua casa, seus amigos, aos velhos tempos.

Flô acorda.

Continua...